

---

## Competência crítica em informação sobre a vida: a reinterpretação do conceito de competência crítica em informação<sup>12</sup>

Juliana Campos de Aguiar Mattos RIBEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ

Priscila Seixas da COSTA<sup>4</sup>

Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Senac-Rio e Mackenzie/RJ, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Neste artigo é debatida a competência crítica em informação a partir do confronto do cotidiano de pessoas residentes em favelas no Rio de Janeiro durante o período pandêmico. A pergunta principal é: é possível desafiar o conceito de competência crítica a partir da realidade cotidiana? O objetivo principal é falar da omissão sobre os dados de letalidade de residentes de favelas no município do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que revisita conceitos da Ciência da Informação, buscando entender os efeitos do racismo na contemporaneidade. Acredita-se que a principal contribuição é o tensionamento do conceito de competência crítica em informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** competência crítica em informação; competência crítica em informação sobre a vida; pandemia de COVID-19.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, debate-se sobre a competência crítica em informação, conceito da Ciência da Informação. A origem desse tensionamento surgiu a partir da realidade vivida pela pesquisadora Juliana Campos de Aguiar Mattos Ribeiro (2023), uma das autoras do artigo, na construção de sua dissertação sobre a relação entre o racismo estrutural e a subnotificação de dados de mortalidade da população de pretos e pardos em favelas no Rio de Janeiro durante o período de COVID-19.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Os resultados apresentados por esta pesquisa fazem parte da dissertação “Coronavírus e o racismo estrutural: a subnotificação da mortalidade da população de pretos e pardos nas favelas do Rio de Janeiro” (2023).

<sup>3</sup> Doutoranda e bolsista no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, email: [jcampos.juridico@gmail.com](mailto:jcampos.juridico@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do grupo de pesquisa Perfil-i do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Professora na graduação técnica do Senac-Rio e da pós-graduação da Mackenzie-RJ. CEO da Burburinho Cultural, email: [priscila@burburinhocultural.com.br](mailto:priscila@burburinhocultural.com.br)

---

O Ministério da Saúde (2021) apontou que a COVID-19 é uma doença respiratória que teve seu descobrimento na China no final de 2019. De acordo com Lima *et al.* (2020), a transmissão começou no Brasil através de turistas e pessoas que vieram de regiões europeias. A primeira morte registrada foi de Rosana Aparecida Urbano, diarista de 57 anos, segundo Collucci (2022) em matéria para Folha de S. Paulo. Essa doença afetou diretamente a população mais humilde e com poucos recursos.

Nesse sentido, quando pensamos na realidade de favelas no Rio de Janeiro, por exemplo, podemos pensar que os dados coletados podem não corresponder com a realidade vivida pelos moradores das favelas. Como população registrada no escopo de marginalização social, torna-se necessário complexificar o que entendemos como informação que chega até nós. Para ilustrar, podemos ver como pessoas fervem água em churrasqueiras para ter água potável (Souza, 2020) ou mesmo lidar com a falta de água (Miranda, 2020), item essencial para a sobrevivência humana.

No contexto da pandemia da COVID-19, estabeleceram-se inúmeros protocolos, como do isolamento social e do uso de máscaras. Ainda que fossem itens necessários para a proteção de tantas pessoas, como aplicar isso à realidade de quem reside em favelas? Para usar máscaras é necessário comprá-las, mas como comprar se você não tem acesso ao básico para sobrevivência? Ou então, é instituído o isolamento social, mas existe a necessidade de obtenção de renda: como isolar-se dessa maneira? As realidades cotidianas transformam a maneira como observamos dados e informações.

Ainda, apenas a partir do pedido da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC), a Coalizão Negra por Direitos solicitou dados sobre o impacto da COVID-19 durante a pandemia da população negra que só foram informados a partir do dia 10 de abril de 2020 (UFMG, 2020). Com essas informações, identificou-se que, proporcionalmente, 23,1% das pessoas internadas era negras, mas 32,8% dos óbitos também.

Esse é apenas um dos exemplos que ilustram a maneira como a coleta de dados durante a pandemia não contemplava a pessoas negras. Tratam-se de informações que não condizem com a realidade vivida por pessoas negras. Com isso, o objetivo deste trabalho é justamente debater sobre a omissão de dados de letalidade que vamos ver de maneira mais detida no decorrer do artigo. Esta investigação se justifica através de seu viés social de luta contra o racismo instituído estruturalmente que impede o exercício cidadão da população negra brasileira.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

De acordo com Brisola, Schneider e Silva Júnior (2017), a competência crítica em informação é um instrumento que avalia a credibilidade da produção de notícias para que sejam utilizadas de maneira ética. A principal razão para tal preocupação reside no mundo contemporâneo em que são disseminadas informações falsas e com outras práticas informacionais que conduzem a um processo de circulação de dados de maneira massiva e que podem ser eticamente questionáveis.

A competência crítica em informação, nesse sentido, serve como uma maneira de compreender, de maneira crítica — ou seja, visando a superação das desigualdades socialmente estabelecidas na tessitura das construções e movimentações da sociedade —, como os dados e informações que circulam no cotidiano podem conter e reproduzir valores dominantes. Portanto, busca oferecer aos indivíduos a oportunidade de desvelamento do mundo, ou melhor, dito de outra maneira, a percepção de concretude da realidade. Nesse contexto, é um dispositivo capaz de oferecer reflexões sobre como se vive no mundo e busca auxiliar no entendimento das condições reais de existência de cada um de nós. Logo, a “competência crítica em informação é um conjunto de habilidades que permitem que uma pessoa avalie de forma crítica a informação que recebe, determinando sua relevância, confiabilidade e precisão” (Costa, 2023, p. 93).

Dessa forma, a competência crítica em informação envolve habilidades diversas que analisam, avaliam e interpretam os dados. Diante da grande proliferação de desinformação, é difícil distinguir quais fontes são realmente confiáveis. Até porque, vivemos em um momento de grande sobrecarga de informações que, ao mesmo tempo, podem não dizer nada sobre certas realidades. Isso sem contar com a desigualdade no acesso e na capacidade de ter informações e dados coletados.

De acordo com Naiff e Naiff (2005), “os cidadãos das classes mais baixas, por sua vez, também estão céticos quanto às promessas de mudanças e oportunidades de inclusão social” (p. 118). Ao levar isso em conta, a própria presença do poder público é vista com desconfiança, uma vez que, ao contrário daqueles que vivem no asfalto, os moradores de favelas são encarados como os “outros” na sociedade. Tornam-se, assim, apartados da realidade social e da consideração como cidadãos. Além disso, diante da difícil realidade vivida por essa população, é necessário problematizar questão como a dita “pacificação”. Em Lima (2015), há a discussão a partir das esferas da segurança pública, da mídia e da

violência para compreender a “pacificação” como ferramenta de silenciamento das populações moradoras de favelas.

Além disso, Elpidio (2020) compreende que a questão racial atravessa o entendimento da favela como espaço reservado para a população negra.

A expressão “do quilombo à favela” muito utilizada nos estudos acadêmicos, literários e em conhecidos versos e prosas do universo cultural negro e periférico, expressa como modos de se produzir o espaço definem as vidas e as formas de produzir e se reproduzir em uma sociedade. A produção capitalista do espaço, que tem como base fundante a propriedade privada da terra e a transformação deste bem universal da humanidade, em mercadoria se apoia no racismo estrutural também nas formas de constituição dos espaços urbanos. Daí, lidamos com uma dura realidade cotidiana do povo negro no Brasil, onde o racismo se materializa também nos processos de produção e ocupação socioterritorial. (ELPIDIO, 2020, p. 129)

Ainda, precisamos tensionar um aspecto importante de como “o cotidiano de construção de um sistema de informação estatísticas”, como observado por Motta (2019, p. 86-87), pode levar a “dificuldades em se fazer o levantamento dos dados, de se classificar certo tipo de espaço, e de gerar confiança nos números”, itens que “estão relacionados entre si”. Este ponto será crucial para compreendermos a complexidade que envolve não só a divulgação de dados, mas sua confiabilidade diante de cenários que não estão alinhados com a realidade.

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente, esta investigação se baseia na revisão bibliográfica sobre os principais temas abordados ao longo do artigo: competência crítica em informação, realidade de pessoas moradoras em favelas e sobre a COVID-19. Além disso, foram acessados documentos que dialogavam entre os dados oficiais e as críticas a tais informações. Também apresentamos alguns dados da pesquisa de Ribeiro (2023) para ilustrar a realidade vivida pela população negra em favelas.

Para tanto, foram realizadas entrevistas durante os meses de maio e junho de 2023 em três comunidades: Rocinha, Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, registradas em trabalho mais completo (Ribeiro, 2023). A escolha da entrevista como procedimento se deu através da forma como poderiam as informações poderiam ganhar forma através das diversas interpretações possíveis a partir do momento de interação entre entrevistadora e interlocutor(a).

---

A entrevista, entendida como um acontecimento que se organiza na coordenação dos interlocutores, e os objetos de discurso, considerados como entidades construídas pela interação, orientam a análise mais para a definição de procedimentos e de categorias que deem conta da forma pela qual os locutores fazem inteligível seu discurso, do que para a utilização de grade, de categorias previamente elaboradas pelo pesquisador. (MONDADA, 1997, p. 70)

## DADOS E DISCUSSÃO

Nesse contexto, durante a pandemia de COVID-19, infecção causada pelo coronavírus e instaurou um processo que alterou a vida na contemporaneidade, através do isolamento social, a notificação sobre os dados de infectados e de mortos era uma das informações mais procuradas e acessadas por boa parte da população. Porém, é necessário sinalizar que o levantamento de dados era desigual. A partir da pesquisa de Ribeiro (2023), que averiguou sobre a subnotificação da letalidade da COVID-19 nos territórios de comunidades/favelas do Rio de Janeiro apontou para um problema: além da falta de acesso às informações, existe, também, a falta de coleta de informações. Pensando nisso, será que é possível desafiar o conceito de competência crítica em informação a partir da vida cotidiana?

Essa pergunta surge justamente para pensar sobre como a vida não pode ser colocada em números, conforme visto em Ribeiro (2023). Conforme é dito pela pesquisadora, “se pelo lado da objetividade a vida não é reconhecida em seu valor, a população que reside em favelas e comunidades é mobilizada através da afetação com a realidade pandêmica” (Ribeiro, 2023, p. 115). Seu estudo se debruçou na comparação entre os dados notificados pelo poder público e aqueles comunicados por redes comunitárias de moradores das favelas. A discrepância era visível, conforme transcrito abaixo:

Em 21 de maio de 2020, a ONG Redes da Maré divulgou dados através de seu boletim “De olho no Corona!”<sup>5</sup> e apontou indícios de subnotificação de infecções e mortes causadas pela Covid-19 (REDES DA MARÉ, 2020a). Até 18 de maio de 2020, na favela da Maré, que tem mais de 140 mil moradores, foram registradas 193% a mais de doentes e 65% a mais de óbitos do que a contagem oficial divulgada pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Até 18 de maio de 2020, foram 261 casos de pessoas possivelmente contaminadas de acordo com o boletim “De olho no Corona!”<sup>#3</sup>. Enquanto isso, os dados do Painel Rio Covid-196, da Prefeitura do Rio de Janeiro apontaram para 89 novos casos, por isso a discrepância dos números. Cabe ressaltar que, na mesma segunda-feira, dia 18 de maio de 2020, através dos dados oficiais da Saúde da Prefeitura sobre o coronavírus registrou 23 vítimas de Covid-

19 na região da Maré, sendo que foram 38 óbitos apontados pelo boletim “De olho no Corona!”. (Ribeiro, 2023, p. 23)

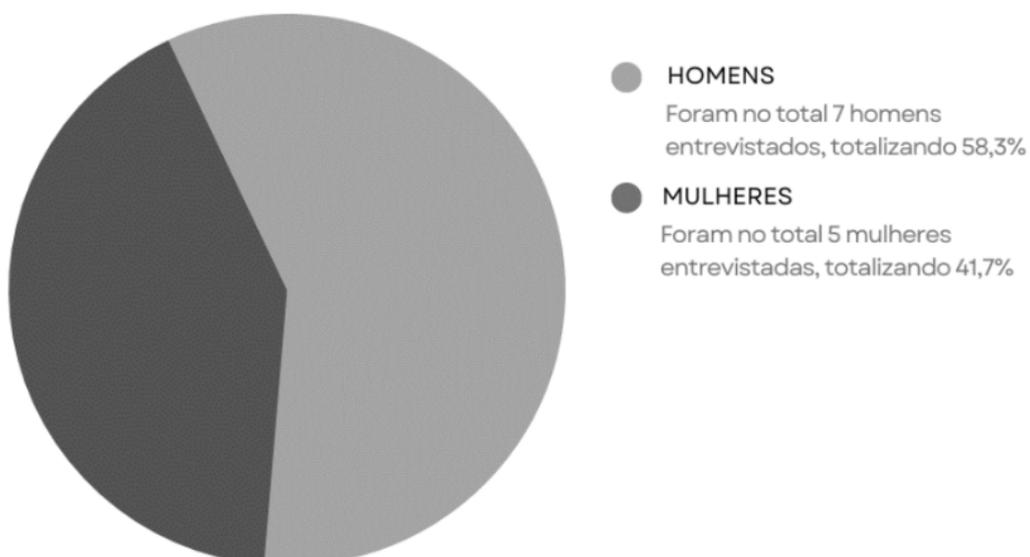
Além disso, é preciso sinalizar a falta de informações sobre como a COVID-19 afetou pessoas negras. Essa é uma outra problemática: como o racismo acaba por ser replicado em situações de emergência. Afinal, as pessoas negras são as que sofrem mais por estarem em um lugar de precariedade.

De acordo com os primeiros números disponibilizados, quanto à saúde da população de pretos e pardos em 2020, estes representavam 23,1% das pessoas internadas por Síndrome Respiratória Aguda Grave, mas correspondiam a 32,8% dos óbitos por Covid-19. Esse dado revela que apesar de serem menos em números de infectados, pessoas negras morriam mais, o que revela, antecipadamente, que as condições de saúde dessa população são mais precárias em comparação com pessoas brancas. (Ribeiro, 2023, p. 23)

Para além dessa revisão bibliográfica e levantamento de dados referentes ao processo de subnotificação da COVID-19 durante o período pandêmico, foram realizadas entrevistas com moradores de favelas cariocas. A maioria dos entrevistados eram homens, um total de 7 homens, representando 58,3% dos entrevistados, contra um número de 5 mulheres, que representaram 41,7%, conforme vemos no Gráfico 1.

**Gráfico 1 – Gênero dos interlocutores da pesquisa**

## **GÊNERO DOS INTERLOCUTORES**



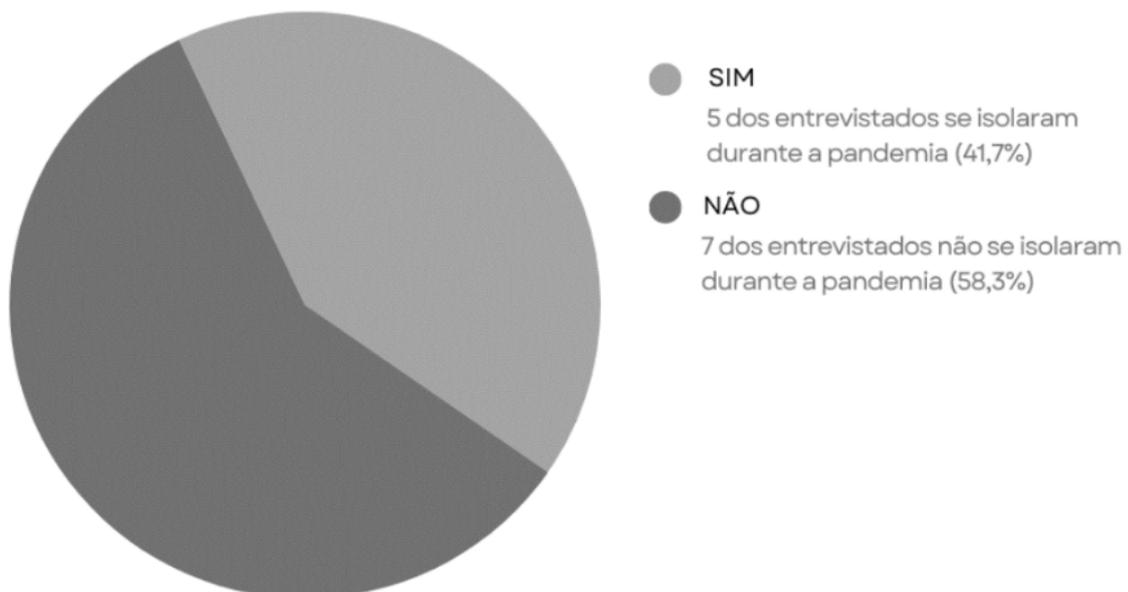
**Fonte:** Ribeiro (2023)

Outra informação importante é que a maior parte dos entrevistados, também, não conseguiu respeitar o isolamento social. É necessário apontar que as exigências de trabalho dessa parcela da população impediram o seu isolamento, conforme indicado no Gráfico 2. Nesse sentido, em uma perspectiva mais ampliada sobre os dados disseminados pelo poder público, entende-se que, infelizmente, “o que qualquer dado estatístico não consegue captar é a amplitude da esfera da produção da vida” (Ribeiro, 2023, p. 111). Nem todos conseguiram realizar o isolamento social para garantir sua sobrevivência.

Ao falar “conseguiram”, sugiro que é uma conquista dentro da dura existência que visa apenas a sobrevivência. Na proposta da pesquisa, considero como “isolamento social” qualquer período que os interlocutores ficaram de quarentena, ou seja, apartados do convívio social. Aqueles que afirmaram que conseguiram realizar o isolamento social ficaram entre 15 e 60 dias fora do convívio social durante a pandemia de COVID-19. Este tempo reduzido indica que nos piores períodos da doença essas pessoas ficaram expostas. (Ribeiro, 2023, p. 106)

Gráfico 2 – Isolamento dos interlocutores

## ISOLAMENTO DOS INTERLOCUTORES



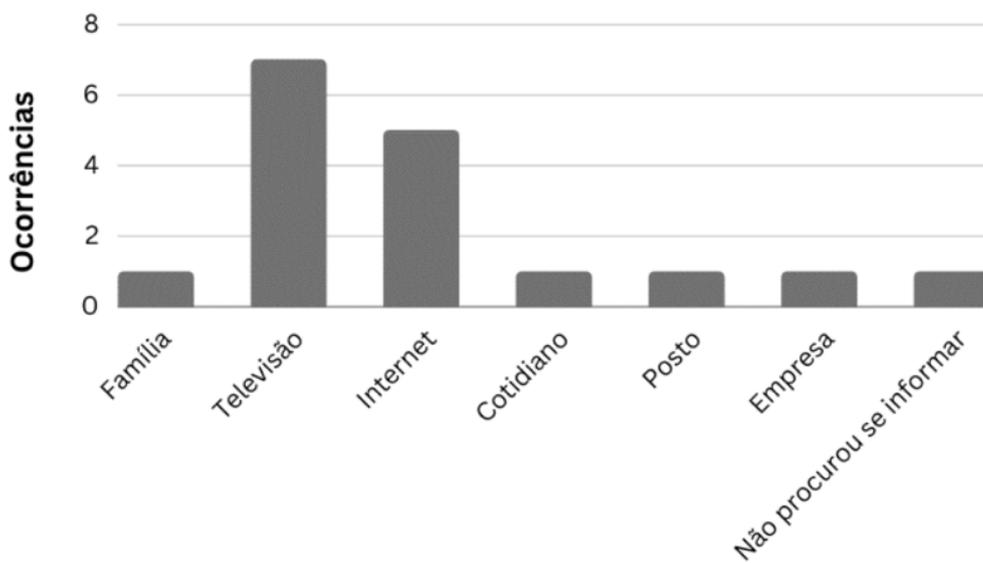
Fonte: Ribeiro (2023)

Ainda que o isolamento social fosse importante, por exemplo, a necessidade de sobrevivência básica fez com que essas pessoas se mobilizassem para continuar o trabalho presencial, pois não o ter significaria a própria chance de não sobreviver. Ou seja, ainda

existe essa terceira questão nos auxilia a problematizar de maneira ainda mais ampliada não só a obtenção dos dados, mas a própria interpretação.

Um outro dado curioso se refere às fontes de informação utilizadas para se informar sobre a COVID-19. No Gráfico 3, podemos observar a pluralidade de meios pelos quais as pessoas que residem nas favelas do Rio de Janeiro. Observa-se que, além de meios de comunicação tradicionais, como a televisão e a internet, a família, o trabalho e também o posto de saúde serviram como referência de acesso à informação.

**Gráfico 3 – Fontes de informações dos interlocutores**  
**Fontes de Informação**



**Fonte:** Ribeiro (2023)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, quando o conceito de competência crítica em informação é desafiado em relação à produção da vida, não significa torná-lo obsoleto ou desagregar toda sua importância. Entretanto, torna importante problematizá-lo em uma perspectiva que leva em consideração fatores como a produção da vida cotidiana, a questão racial, pontos que, geralmente, não são tão bem trabalhados quando pensamos na potência da ferramenta que é a competência crítica em informação. Assim, conforme foi apontado no trabalho de Ribeiro (2023, p. 120), “defende-se uma perspectiva compreensiva que leva em consideração os processos subjetivos dos sujeitos”, afinal, a vida não pode ser informada, mas pode ser compreendida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. O que é a Covid-19?. **Ministério da Saúde**, [S. l.], 08 abr. 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 08 abr. 2023.

BRISOLA, Ana Cristina Caldeira de Andrada Sobral; SCHNEIDER, Marco André Feldman; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Unesp, 2017. p. 1-16. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/105022>. Acesso em: 28 jun. 2024.

COLLUCCI, Cláudia. Há dois anos, morria a primeira vítima e Covid-19 no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/03/ha-dois-anos-morria-a-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil.shtml>. Acesso em: 08 abr. 2023.

COSTA, Priscila Seixas da. **Mediatização da Lei Rouanet e extinção do Ministério da Cultura**: impactos da transição política no Brasil no período 2016-2022. 200f. Tese (Doutorado em Mídia e Cotidiano) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano – Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/33334>. Acesso em: 07 out. 2024.

ELPIDIO, Maria Helena. Do quilombo às favelas: faces do racismo territorial na produção das cidades. In: FARAGE, Eblin; HELFREICH, Francine. (Orgs.). Serviço social, favelas e educação popular: diálogos necessários em tempos de crise do capital. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. (p. 129-149)

LIMA, Danilo Lopes Ferreira; DIAS, Aldo Angelim; RABELO, Renata Sabóia; CRUZ, Igor Demes da; COSTA, Samuel Carvalho; NIGRI, Flávia Maria Noronha; NERI, Giovanna Rabelo. COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 25, n. 5, p. 1575-1586, mai. 2020. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/covid19-no-estado-do-ceara-comportamentos-e-crencas-na-chegada-da-pandemia/17540>. Acesso em: 08 abr. 2023.

LIMA, Tatiana. **Onde estão os mortos?**: Silenciamento, discursos e os sentidos midiáticos da pacificação do Complexo do Alemão. 280 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3851> Acesso em: 07 out. 2024.

MONDADA, Lorenza. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e conversacional. **Rua**, v. 3, n. 1, p. 59-86, 1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640619/> Acesso em: 13 abr. 2023.

MOTTA, Luana Dias. Indignação e rotinização: sobre sofrimentos e estratégias para lidar com a violência policial em uma favela pacificada. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 51, n. 1, p. 321-352, mar./jun. 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8110702>. Acesso em: 10 abr. 2023.

---

NAIFF, Luciene Alvez Miguez; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. A Favela e Seus Moradores: Culpas ou Vítimas? Representações Sociais em Tempos de Violência. **Estudos & Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 107-119, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11188>. Acesso em: 28 jun. 2024.

RIBEIRO, Juliana Campos de Aguiar Mattos. **Coronavírus e o racismo estrutural: a subnotificação da mortalidade da população de pretos e pardos nas favelas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2023.

SOUZA, Breno. Favela pede água. **data\_labe**, [S. l.], 10 mai. 2020. Disponível em: <https://datalabe.org/favela-pede-agua/>. Acesso em: 11 abr. 2023.

UFMG. População negra é mais vulnerável ao novo coronavírus. **Faculdade de Medicina da UFMG**, Belo Horizonte, 07 mai. 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/populacao-negra-e-mais-vulneravel-ao-novo-coronavirus/>. Acesso em: 12 abr. 2023.